

Con. Brasil

10 • terça-feira, 21/9/93

21 SET 1993

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*

MANOEL FRANCISCO BRITO — *Diretor Presidente*

ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*

WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*

DACIO MALTA — *Editor*

MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*

ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

Baixa Ansiedade

O mercado financeiro foi sacudido ontem por boatos de um novo choque econômico em gestação. Alimentado pelas análises sobre a redução das opções da equipe econômica para o ajuste fiscal depois da queda do IPFM, a onda ganhou verossimilhança quando o presidente do Senado, Mauro Benevides, cometeu a gafe (ou a inconfidência, segundo os boateiros) de responder a uma pergunta começando assim: "O choque que vem por aí..."

A excitação do mercado financeiro tem fortes razões de ordem negocial para explorar qualquer das versões. Além de atrair as poupanças das pessoas físicas e empresas, em busca de proteção contra a inflação, esse mercado tem uma característica particular: favorece às tacadas dos grandes especuladores no mercado futuro.

Quando se conversa com especialistas é inevitável a pergunta: "Você está comprado ou vendido?" É que as operações a futuro nos mercados de ações, de *commodities* e títulos de renda fixa e taxas de câmbio envolvem investidores que estão comprados ou vendidos em relação a uma aposta de preço ou cotação de investimento.

Não é preciso ser especialista para concluir que qualquer medida drástica do governo altera profundamente os preços relativos do mercado. Como os investidores costumam estar comprados ou vendidos várias vezes acima do capital que dispõem à vista (esses mercados exigem, em

média, coberturas de margens de 20% do total das operações), todos precisam reverter (ou confirmar as posições) antes que as medidas anunciadas à boca pequena se confirmem e produzam os efeitos pretendidos pelo governo.

Nesse aspecto, a equipe econômica vem confirmando dia-a-dia a rejeição a mágicas e pajelanças econômicas, como tem reiterado o ministro Fernando Henrique Cardoso. O próprio ministro não hesita de anunciar previamente as decisões do governo na economia, como a desindexação (depois de assegurado o ajuste fiscal) e a unificação das taxas de câmbio. Os especuladores continuam ignorando a franqueza.

O anúncio do câmbio único, feito sexta-feira, afetou ontem o dólar comercial, o flutuante e o paralelo. Como as taxas vão convergir para o comercial, mais baixo, o flutuante e o paralelo caíram. Isto vai gerar grandes prejuízos para quem estava comprado em ativos indexados à taxa de câmbio — como o ouro e os mercados futuros da BM&F.

A parte a ansiedade da indústria e do comércio em predefinir as condições das encomendas para as vendas do fim de ano — que em algumas atividades representam mais da metade do faturamento do ano — não se pode deixar de ligar o recrudescimento dos boatos de iminência de choque à tentativa dos comprados de transferir prejuízos. Muitas vezes, ganha-se mais dinheiro com o boato de choque do que com o choque.